

**PERCURSO DA ELABORAÇÃO
DE UM QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO
PARA O ATLAS FONÉTICO DO ACRE (AFac)**

Darlan Machado Dorneles (UFAC)

darlan.ufac@yahoo.com.br

Lindinalva Messias do Nascimento Chaves (UFAC)

lindinalvamessias@yahoo.com.br

RESUMO

Nesta apresentação, o objetivo é descrever o percurso da construção de um Questionário Fonético-Fonológico para a elaboração do Atlas Fonético do Acre (AFac), parte integrante do Atlas Linguístico do Acre (ALiAC). Atualmente, o AFac está utilizando o Questionário do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), porque este contempla grande parte dos fenômenos fonético-fonológicos da língua portuguesa brasileira. No entanto, constatou-se a necessidade de um questionário que desse maior ênfase a algumas peculiaridades locais. Dessa forma, o estudo está ancorado, de um lado, na fonética e fonologia descritivas e, de outro, nos parâmetros metodológicos para a elaboração de questionários. Após elaboração, o Questionário Fonético-Fonológico será testado em dois pontos de inquéritos, Xapuri (Regional do Alto Acre) e Rio Branco (Regional do Baixo Acre).

Palavras-chave: Dialetoлогия. Questionário fonético-fonológico. Atlas fonético do Acre.

1. Introdução

O *Atlas Fonético do Acre I* está em fase final de coleta de dados e muito em breve será publicado. Como foi utilizado, para esse primeiro atlas, o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*, que apresenta os fenômenos fonético-fonológicos mais gerais do português brasileiro, consideramos, neste estudo, a relevância de elaborar um questionário voltado mais especificamente para as peculiaridades da variedade da língua portuguesa falada no Acre.

Foi o fato de o Questionário Fonético-Fonológico do *Atlas Linguístico do Brasil* ter sido elaborado e testado por uma equipe nacional que levou a equipe do *Atlas Linguístico do Acre (ALiAC)* a adotá-lo como seu instrumento de pesquisa. Contudo, no decorrer das entrevistas, os inquiridores verificaram algumas lacunas no que diz respeito a determinados aspectos fonéticos da fala acriana, bem como dificuldades para a obtenção de alguns vocábulos denominadores de objetos que não fazem parte da cultura local. Dentre os aspectos fonéticos, podemos citar a na-

salização fonética, pouco contemplada no *Questionário Fonético-Fonológico do Atlas Linguístico do Brasil* e característica do falar acriano.

Assim, tomando como base os questionários dos atlas linguísticos publicados ou em desenvolvimento, bem como o questionário do próprio *Atlas Linguístico do Brasil*, assumimos a proposta de elaborar um questionário com questões voltadas para as questões locais. Pretendemos elaborar um questionário que contemple de forma mais efetiva não apenas os aspectos fonético-fonológicos mais gerais da língua portuguesa, mas também aqueles mais frequentes no estado do Acre, se comparado a outras regiões do país.

2. *A construção de questionários no âmbito da dialetologia*

Um questionário fonético-fonológico tem por propósito “[...] coletar variações nas pronúncias dos itens. Para tanto, o objetivo do Questionário Fonético-Fonológico é que o informante responda com o termo esperado na pergunta” (Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, 2001). Cristianini [2006] ressalta a importância desse trabalho ao dizer que:

[...] um dos itens altamente relevantes para um estudo geolinguístico é a elaboração do questionário a ser aplicado, pois, partindo das respostas às questões dirigidas aos sujeitos é que são formados os *corpora* para a elaboração das cartas e análise das variações.

Aguilera (2001, p. 54–55) diz que os três questionários do projeto *Atlas Linguístico do Brasil* Questionário Fonético-Fonológico (QFF), Questionário Semântico-Lexical (QSL) e Questionário Morfossintático (QSM) foram elaborados por um Comitê Nacional. Logo:

[...] os questionários são o resultado de inúmeras propostas, discussões e ajustes, elaborados a partir da experiência dos vários autores dos atlas estaduais (APFB, EALMG, ALPB, ALSE e ALPR) e regional (ALERS), além das contribuições buscadas no *Atlas Linguistique Roman* – Alir e do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza*.

De acordo com Cardoso (2010, p. 95), para coleta de dados de cunho dialetal, há duas possibilidades, a primeira consiste em aplicar aos informantes um questionário e a segunda efetuar registros através de elocuições livres.

Assim, em pesquisas de cunho dialetológico/geolinguístico tornou-se comum uma vasta tradição, na obtenção de dados, a utilização de questionários que são previamente elaborados e diversos trabalhos têm

sido feitos pautando-se nesse instrumento que, se bem elaborado, pode registrar e documentar vários aspectos e peculiaridades da variação linguística do português brasileiro. De acordo com Mota (2008, p. 2):

Os questionários linguísticos, instrumentos de importância fundamental em pesquisas geolinguísticas, devem merecer especial atenção, na fixação dos procedimentos metodológicos que norteiam a constituição de *corpora* para a elaboração de atlas linguísticos, diversificando-se em função dos objetivos propostos, da área a considerar e, até mesmo, da relação entre recursos e tempo disponíveis.

Em relação a esses aspectos, que devem ser levados em consideração na elaboração de um atlas linguístico, Lima (2001, p. 117) e Almeida (2008), sob a orientação de Brandão (2001; 2008), construíram um Questionário Fonético-Fonológico com base em questões de outros atlas, criando e reestruturando questões para que fossem “mais objetivas e adequadas às comunidades em foco”. Sobre isso, Almeida (2008) afirma que:

Os vocábulos que formam o questionário foram, de início, ordenados alfabeticamente e as perguntas seriam feitas seguindo essa ordem. Entretanto, algumas alterações foram necessárias ou para que fossem aproximados vocábulos pertencentes ao mesmo campo semântico — que é o caso de nó (carta 7), isca (carta 19), ontem (carta 14), piolho (carta 56) e lêndea (carta 57) e gatinho (carta 212), que foram postos após agulha (carta 6), anzol (carta 18), amanhã (carta 13), caspa (carta 55) e porquinho (carta 213), respectivamente — ou para que fossem afastadas palavras com contexto fônico bastante similar, de modo a evitar condicionamentos — como os itens iniciados graficamente por *es* e os termos *óleo/olhos* e *teia/telha* que foram intercalados com outros para que se evitasse a influência da realização de uma palavra na outra. Assim, as perguntas do Questionário do Micro AFERJ, embora sejam as mesmas do Questionário do AFeBG, não estão exatamente na mesma ordem. Em síntese: em relação ao Questionário do AFeBG inovou-se apenas no que respeita ao ordenamento e, por conseguinte, à numeração das questões.

Aguilera (2001, p. 55) destaca que “a elaboração de questionários para qualquer tipo de pesquisa requer, de início, tríplice atenção: o *quê*, o *quanto* e o *como* perguntar”. Referindo-se à elaboração do Questionário Fonético-Fonológico do projeto *Atlas Linguístico do Brasil*, ela diz que:

[...] foram levantados vários fatos fônicos, a serem considerados em sua construção, como a realização de /R/ em diversos pontos do vocábulo; de /t/ e /d/ antes de, ou após a, vogal alta /i/; da realização das pretônicas /e/ e /o/; da ditongação ou não das vogais /a, /e/ /o/ e /u/ seguidas de /s/, /z/; da alternância de /b/ e /v/; do comportamento das proparoxítonas; da presença/ausência do rotacismo do /l/ em trava silábica e/ou em encontros consonantais; do comportamento dos ditongos gráficos: *ou, ai, ei*; de casos específicos de reificação, como em *casa* [‘kaha], *gente* [‘henti], *vamos* [hamu], entre outros. Na versão 2001, ficaram 159 questões.

Da mesma forma que Lima (2001), Almeida (2008) e Brandão (2001; 2008), Cruz (2004), ao elaborar as questões do questionário que culminou no desenvolvimento do *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM)¹⁰⁴, tomou como base trabalhos que “versavam sobre agricultura e pesca, nos questionários dos atlas já publicados e em algumas questões do Projeto *Atlas Linguístico do Brasil*”. Dessa forma, o Questionário Fonético-Fonológico do ALAM buscou, sobretudo:

[...] observar todos os fenômenos que dizem respeito às realizações dos fonemas vocálicos em todas as posições do vocábulo e foram também elaboradas questões privilegiando a redução dos ditongos /ey/ a [e] e /ow/ a [o] / [u]. Observaram-se, ainda, dois importantes fenômenos que existem na fala da Amazônia, que é o alteamento da vogal tônica /o/ para [u], em qualquer posição no vocábulo, como em “canoa” [ka'nua] e o abaixamento da vogal /u/ para [o], como em “tudo” [‘todo]. Quanto aos fonemas consonantais, entre outros aspectos, procurou-se registrar a realização das vibrantes, das laterais e do /S/, em todos os contextos (CRUZ, 2006, p. 3).

Percebe-se a preocupação da autora em registrar os aspectos fonético-fonológicos mais ocorrentes na localidade de seu estudo. De acordo com Altino (2007, p. 82 – 83):

A importância dos questionários estruturados para a pesquisa dialetológica há muito é reconhecida pelos dialetólogos e geolinguistas. Seu uso permite a homogeneização dos procedimentos de coleta de dados necessários à pesquisa dentro dos moldes científicos, restringindo aos contextos de uso de determinados fonemas, por exemplo, ou permitindo a identificação do uso lexical.

Essa autora diz ainda que:

Os primeiros atlas regionais (o Atlas Prévio dos Falares Baianos, por exemplo) não puderam contar com um referencial de questionários nacionais para a elaboração do instrumento de coleta de dados. Hoje, os estudiosos contam com a experiência de outros geolinguistas, cada qual podendo adotar ou adaptar, pela comparação, o instrumento mais adequado à pesquisa.

Desse modo, ao debruçar-se sobre a elaboração do *Atlas Linguístico do Paraná II* (ALPRII), Altino (2007, p. 83) elaborou seu instrumento de coleta com base no projeto do *Atlas Linguístico do Estado de São Paulo* (ALESP), adotando algumas questões ou reformulando-as. O questionário foi posteriormente testado e sofreu alterações, como supressão ou acréscimo de perguntas, para chegar à sua versão final.

¹⁰⁴ O Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM) está disponibilizado na Biblioteca Central da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). (Cf. <<http://www.ffch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp22/09.pdf>>).

Do mesmo modo, Romano (2012, p. 212) ao elaborar o *Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e aparente* toma como base, assim como Altino (2007), o projeto de Caruso (1983), efetuando, de forma geral, “pequenas alterações quanto ao número e formulação das questões”. Esse autor reduziu o número de questões, excluindo as com menos produtividade devido ao cunho rural, adicionando outras, presentes no *Atlas Linguístico do Brasil*, e incluindo algumas inéditas.

3. Proposta de percurso para elaboração do Questionário Fonético-Fonológico (QFF)

A pesquisa será, na primeira fase, de natureza bibliográfica, com consulta a atlas fonético-fonológicos e a obras que versem sobre a elaboração de questionários. Dessa forma, para a elaboração das questões, tomaremos por base os atlas já publicados, sendo elas passíveis de aproveitamento na íntegra ou de reformulação.

Buscaremos as respostas não produtivas do Questionário Fonético-Fonológico do Atlas Linguístico do Brasil, que está sendo aplicado pelo *Atlas Fonético do Acre I*. Essa busca será facilitada por trabalho já realizado por Aguilera e Yida (2008) para todas as regiões do país. No nosso estudo, analisaremos os dados do *Atlas Linguístico do Acre* e verificaremos a possibilidade de reformular ou de substituir as questões.

A exemplo de Lima (2006, p. 119), no que se refere aos fenômenos que atingem os fonemas vocálicos, elaboraremos questões em cujas respostas tais fonemas apareçam em diferentes posições do vocábulo; quanto aos fenômenos relativos às realizações dos fonemas consonânticos, várias questões do *Atlas Linguístico do Brasil* deverão ser aproveitadas, como as relativas ao /S/ e ao /R/, verificando-se, contudo, a necessidade de acréscimo de outras questões e observando-se a frequência das seqüências:

- /S/ + Consoante surda, /S/ + consoante sonora;
- /S/ em coda externa;
- /S/ em contexto palatalizante;
- /R/ + consoante surda, /R/ + consoante sonora;
- /R/ em coda externa.

Para o levantamento dos aspectos fonéticos mais recorrentes nas realizações dos fonemas vocálicos e consonantais da fala do acriano, nos fundamentaremos em observações assistemáticas, em trabalhos realizados e em consultas a três especialistas da área da linguística e da língua portuguesa, com um rol de perguntas a ser elaborado. As perguntas serão do tipo: “O senhor (a senhora) pensa que o acriano, em média, nasaliza as vogais (quando não se trata de nasalização, obrigatória)? Por exemplo, o acriano pronuncia j[ã]nela ou j[a]nela?”

Um desses processos que consideramos bastante interessante é a não nasalização da vogal quando se esperaria que ela fosse nasalizada, posto que nasalizar parece ser a regra no falar acriano. Por exemplo, escuta-se com frequência, no Acre, j[ã]nela e não j[a]nela, mas escuta-se Ror[aj]ma e não Ror[ãj]ma.

Uma vez elaborada a primeira versão do questionário, este será testado em dois pontos de inquérito, Rio Branco (Regional do Baixo Acre) e Xapuri (Regional do Alto Acre). A depender dos resultados, haverá reformulações e mais dois testes serão aplicados até se chegar ao questionário definitivo.

Como regra geral, as perguntas do questionário serão apresentadas em ordem alfabética, considerando-se os vocábulos esperados como resposta, mas poderá haver casos de agrupamento por campos semânticos se isso facilitar as respostas. Tal qual o Questionário Fonético-Fonológico do *Atlas Linguístico do Brasil*, o ponto de interesse das questões virá em negrito. Por exemplo: **comendo**.

A análise dos testes será feita mediante a verificação das perguntas produtivas e das improdutivas. Serão levados em consideração os seguintes fatores (CHAGAS, [s.d.]):

- a) Se as questões são dúbias e/ou sequencialmente mal posicionadas;
- b) Se há possibilidade da pergunta ser mal compreendida. Se ela contém frases ou termos difíceis ou obscuros;
- c) Se existe indefinição ou ambiguidade;
- d) Se existe alta proporção de respostas diferentes das previstas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Atlas Lingüístico do Cone Sul: a caminhada do atlas lingüístico do Brasil, *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, jul./dez. p. 45-64, 2001.

_____; YIDA, Vanessa. Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não respostas de informantes das capitais. *Signum: Estud. Ling.* Londrina, n. 11/2, dez. 2008.

ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. *Micro atlas fonético do estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ): uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*. Tese de Doutorado em Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2008.

ALTINO, Fabiane Cristina. *Atlas lingüístico do Paraná II*. Doutorado em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, 2007.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. *O questionário na pesquisa científica*. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/22703089/875888180/name/artigo%252Bquestion%2525C3%2525A1rio.pdf>. Acesso em: 08-11-2013.

COMITÊ Nacional do Projeto ALiB. *Atlas lingüístico do Brasil: questionários*. Londrina: UEL, 2001.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. Reflexões sobre o método de pesquisa geolinguístico na análise semântico-lexical em atlas lingüísticos. *Cader-nos do CNLF*, série X, n. 9, [2006]. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xcnlf/9/14.htm>. Acesso em: 08 nov. 2013.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. *Atlas lingüístico do Amazonas*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2004.

LIMA, Luciana Gomes de. *Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara – AFeBG*. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/posverna/mestrado/LimaLG.pdf>.

MOTA, Jacyra. A metodologia na pesquisa geolinguística: o questionário fonético-fonológico. *Revista Prolíngua*, vol. 2, n. 2, p. 1-11,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

jul./dez.2008. Disponível em:

<<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=3&cad=rja&ved=0CDkQFjAC&url=http%3A%2F%2Fwww.i.es.ufpb.br%2Ffojs%2Findex.php%2Fprolingua%2Farticle%2Fdownload%2F13401%2F7605&ei=GSqCUvedNM7gsAS-g4DOCg&usg=AFQjCNEohhRVxq2QD8vtBcTnLOB5hiKxtg>>.

ROMANO, Valter Pereira. *Atlas geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e aparente*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, 2012. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000171785>>.